

A SAÚDE MENTAL E O TRABALHO DO ENFERMEIRO^a

Valéria Cristina Christello COIMBRA^b

Emília Nalva Ferreira da SILVA^c

Luciane Prado KANTORSKI^d

Michele Mandagará OLIVEIRA^e

RESUMO

O estudo objetivou conhecer, através de três enfermeiros de um hospital de Pelotas, Brasil, como os mesmos percebem sua saúde mental em relação ao seu trabalho e quais fatores causam prazer/sofrimento no trabalho. Trata-se de uma pesquisa descritiva, analítica e de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada. Os resultados foram apresentados através de temas centrais como: manifestações de prazer, sofrimento, e a saúde mental no trabalho. Conhecer os fatores que propiciam saúde mental, prazer, sofrimento no trabalho, abre possibilidades de mudanças para a enfermagem, contribuindo para a luta por questões de trabalho mais humanas e justas.

Descritores: Saúde mental. Satisfação no emprego. Princípio do prazer-desprazer. Trabalho: psicologia. Humano.

RESUMEN

El estudio buscó conocer, a través de tres enfermeros de un hospital de Pelotas, Brasil, como ellos perciben su salud mental en relación a su trabajo y cuales factores causan placer/sufrimiento en el trabajo. Se trata de una investigación descriptiva, analítica de abordaje cualitativo. Los datos fueron recogidos mediante entrevista semi-estructurada. Los resultados fueron presentados a través de temas centrales como: manifestaciones de placer, sufrimiento y la salud mental en el trabajo. Conocer los factores que propician la salud mental, placer, sufrimiento en el trabajo, abre posibilidades de mudanzas para la enfermería, contribuyendo para la lucha por cuestiones de trabajo más humanas y justas.

Descriptores: Salud mental. Satisfacción en el trabajo. Principio de dolor-placer. Trabajo: psicología. Humano.

Título: La salud mental y el trabajo del enfermero.

ABSTRACT

The study aimed at knowing, with three nurses from a hospital in Pelotas, Brazil, how they perceive their mental health in relation to their work and which factors cause pleasure/suffering in their job. It relates to a descriptive, analytical research within a qualitative approach. The data were collected by means of a semi-structured interview. The results were presented through central themes such as: pleasure manifestations, suffering and the mental health upon working. Knowing the factors that propitiate mental health, pleasure, suffering at work opens up possibilities of changes for nursing activity, contributing to the struggle for more human and fair work labor issues.

Descriptors: Mental health. Job satisfaction. Pleasure-pain principle. Work: psychology. Human.

Title: Mental health and the nurse's work.

^a Baseado no trabalho de Conclusão do Curso de Graduação de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (FEO/UFPel), intitulado: A saúde mental e a relação do prazer/sofrimento no trabalho do enfermeiro.

^b Enfermeira Mestranda do Programa de Pós-graduação de Enfermagem Psiquiátrica do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da CAPES.

^c Professora Mestre da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

^d Professora Doutora da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Apoio CNPq.

^e Enfermeira Mestranda do Programa de Pós-graduação de Enfermagem em Saúde Pública do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Bolsista do CNPq.

1 INTRODUÇÃO

A idéia de abordar este tema surgiu a partir da observação, de uma das autoras, de situações de prazer/sofrimento durante a prática assistencial do enfermeiro.

Na última década, os estudos e as pesquisas vêm debatendo o papel do trabalho do enfermeiro em relação a sua saúde mental, examinando os aspectos positivos e negativos que o trabalho assume frente à saúde⁽¹⁾. Entendemos o trabalho, no atual contexto social, como uma fonte de sobrevivência do ser humano, entretanto, algumas vezes, este pode também se tornar o causador de sofrimento psíquico. Segundo Silva⁽²⁾, o trabalho é uma atividade específica do homem, funciona como fonte de construção, de realização, de satisfação, de riqueza, de aquisição de bens materiais e inclusive de serviços úteis à sociedade. Entretanto, o trabalho também pode significar escravidão, exploração, sofrimento, doença e até morte.

Consideramos que o trabalho de enfermagem é um processo contínuo, imprevisível, complexo, possuindo multiplicidade de atos, podendo levar o trabalhador a um processo de desgaste, ocasionando sofrimento psíquico, especialmente se as condições existentes para sua realização não forem éticas, dignas e humanas⁽³⁾.

2 OBJETIVOS

O estudo teve como objetivo geral compreender as condições da saúde mental dos enfermeiros em relação ao seu trabalho. E como objetivos específicos: averiguar as possibilidades de prazer e de sofrimento no trabalho do enfermeiro; investigar as correlações entre o sofrimento psíquico e as condições de trabalho hospitalar.

3 METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza por ser de natureza qualitativa, descritiva e analítica. Qua-

litativo porque se preocupa em saber quais as condições de saúde mental dos enfermeiros em relação ao seu trabalho. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, aspirações, valores e atitudes⁽⁴⁾.

Um estudo descritivo já que descreve, caracteriza, determinada população ou fenômeno⁽⁴⁾, além de viabilizar um processo de etapas que favorece explicar pontos de investigação e atuação do pesquisador⁽⁵⁾.

Entendemos que é de natureza analítica porque faz relação entre a teoria e a prática⁽⁵⁾, ou seja, estabelece um confronto entre a teoria e os dados obtidos⁽⁴⁾.

O projeto de pesquisa foi avaliado pela Comissão de Ética da Instituição estudada e após a sua aprovação iniciou-se a coleta dos dados. Foram preservados os direitos dos sujeitos da pesquisa como anonimato, liberdade em participar e/ou se retirar do estudo, autorizar a divulgação dos dados, sendo cumpridos os procedimentos éticos previstos na legislação brasileira que regulamenta a pesquisa em seres humanos. Foram entrevistados 3 (três) enfermeiros que trabalham numa instituição hospitalar do município de Pelotas, Rio Grande do Sul. Os sujeitos do estudo foram sorteados aleatoriamente por turnos (manhã, tarde, noite). Para preservar seu anonimato, os mesmos foram identificados com nomes de cores de acordo com sua escolha. Os dados foram coletados no período de 9 de abril a 9 de junho de 2001.

Após a transcrição das entrevistas, foram realizadas leituras sucessivas do material coletado, a fim de retirar as falas de maior relevância, as quais respondessem aos objetivos do estudo. Para que se interprete uma pesquisa de caráter qualitativo, faz-se necessário que haja ordenação dos dados, classificação dos dados e análise final⁽⁶⁾.

Assim, as informações foram classificadas em três temas: Tema 1 – O prazer no tra-

balho; Tema 2 – O sofrimento no trabalho; e Tema 3 – A saúde mental. Estes foram divididos em subtemas: assistência ao paciente, satisfação profissional, relações interpessoais, morte, sofrimento do outro, desvalorização, condições de trabalho, salários inadequados, e lazer.

4 APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS

O entrevistado que consideramos o primeiro escolheu o pseudônimo de Amarelo, trabalhava há 12 anos como enfermeiro e possuía um segundo emprego.

O segundo escolheu o pseudônimo de Vermelho, trabalhava há 6 anos e meio e não possuía outro emprego.

O último entrevistado preferiu o pseudônimo de Azul, trabalha há 6 anos como enfermeiro e também possuía um segundo emprego.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados e discussão apresentamos os dados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas debatidos mediante a literatura disponível, subdividindo-os em temas centrais a saber: o prazer no trabalho, o sofrimento no trabalho e a saúde mental do enfermeiro.

5.1 O prazer no trabalho

Ao iniciar a análise, nos deparamos com as falas dos enfermeiros, que ao serem questionados sobre o que significava ter prazer no trabalho, verbalizaram o que segue:

Significa ter vontade de vir trabalhar, ter ânimo, gostar de fazer o que faz [...] estar feliz no ambiente e se identificar com ele, assistir bem as pessoas (Vermelho).

[...] é quando eu consigo restabelecer o paciente, melhorar a assistência prestada a este, além de ter condições de trabalho (Azul).

Notamos que o prazer no trabalho está ligado diretamente à assistência ao paciente, e às condições oferecidas pelo ambiente de trabalho. Para Martins, “saber que de algum modo ocorreu a sua contribuição humana, através do cuidado, gratifica-lhes e proporciona recompensa emocional”^(3:70). Esta autora resalta, também, que o trabalhador precisa de espaços para dialogar sobre as condições adequadas de trabalho. Acreditamos que o trabalho que oferece condições é desempenhado com prazer, provocando sentimentos de realização profissional e, na maioria das vezes, também realização pessoal.

Outros fatores, presentes nas falas e relacionados ao prazer no trabalho, são a satisfação pessoal e a questão dos relacionamentos interpessoais no trabalho.

A satisfação profissional, como fator de prazer no trabalho, é refletida pela seguinte fala:

[...] gosto muito do que faço e faço com prazer [...] me sinto bastante valorizado como profissional [...] (Vermelho).

Lunardi Filho⁽⁷⁾ diz que trabalhar é um ato imprescindível para as pessoas e este pode ser um fator de equilíbrio e de desenvolvimento. Acrescenta ainda que ele é um desencadeador de prazer, quando estamos em uma profissão da qual nos orgulhamos. Martins⁽³⁾ destaca que o trabalhador, ao encontrar problemas, deve encará-los, transformando-os em desafios e estes em vitórias. Esta autora ainda conclui que trabalhar com prazer é possível, não é proibido, ao contrário, é necessário para a vida do homem.

No que tange as relações interpessoais, consideramos que esta tem relação direta com o prazer no trabalho, como vemos abaixo:

[...] ter um retorno positivo para mim, aí tenho prazer, quer dizer se oriento um funcionário, ou se estou trabalhando com um funcionário disposto, ele é receptivo, tenho prazer [...] (Amarelo).

Martins aponta que o trabalho da enfermagem é caracterizado pelo trabalho em equipe, o que torna comum o surgimento de conflitos, que podem, muitas vezes, contribuir para o crescimento do grupo⁽³⁾. Entendemos que a comunicação é um dos requisitos básicos para preservar um relacionamento adequado de equipe, portanto, a conscientização sobre a importância da comunicação em um grupo de trabalho é o passo inicial para o estabelecimento de uma relação prazerosa.

5.2 O sofrimento no trabalho

Neste estudo abordamos o sofrimento gerado no trabalho, e este poderia ser descrito também como desprazer, quando compreendido como a ausência de prazer no momento da execução de atividades exigidas no processo de trabalho.

Observamos que o desprazer pode estar relacionado à realização de atividades desagradáveis/desgostosas, as quais o trabalhador realiza por dever, imposição, obrigação, ou seja, carregadas de sentimentos negativos.

Os entrevistados relatam, situações de sofrimento como as relacionadas à morte e à dor do outro, e situações desprazerosas ligadas à desvalorização, às condições de trabalho e os salários inadequados.

A morte está presente nas falas de Vermelho e Azul, como vemos a seguir:

[...] para mim ter sofrimento no trabalho é quando paciente com chance de viver, não melhora e morre (Azul).

[...] tu não tem ajuda, na Faculdade eu tive uma aula de morte [...] tu trata com a vida e com a morte [...] com a vida tu aprende a cuidar, assistir e quando não dá certo? [...] tu não é preparado para a morte (Vermelho).

Para Figueiredo, Machado, Porto e Ferreira, a “dama de branco” (enfermagem) através de seus cuidados, tem o compromisso com

a vida, mesmo que ronde entre ela uma real ameaça, a “dama de negro” (a morte)⁽⁸⁾. Acreditamos que, por mais que estejamos preparados para a morte, ela freqüentemente nos assusta e surpreende, mesmo sabendo que nascemos, crescemos e morremos.

Associado à morte, observamos na fala de Vermelho o sofrimento relacionado à dor do outro, como vemos na fala a seguir:

[...] hoje é quinta-feira [...] terça-feira veio uma moça bem mocinha com leucemia e ela teve uma crise de choro [...] a mãe também chorou [...] o que tu vai fazer? [...] aquilo me abalou, depois me senti assim [...] vim para cozinha chorar, quando vi a secretária estava na sala da limpeza chorando, digo meu Deus! O que aconteceu? [...] (Vermelho).

A surpresa na fala de Vermelho pode sugerir através da evocação de Deus, que ao se deparar com o sofrimento do outro e a morte, fatos muitas vezes incontrolláveis com os recursos que a ciência dispõem, os trabalhadores podem vir a recorrer a crenças individuais e de cunho espiritual no sentido de se auto proporcionar algum alívio emocional mediante os desafios de seu cotidiano de trabalho. Sabemos que o sofrimento do outro e a morte são sentidos de diferentes formas, nas mais diversas culturas.

Conforme Martins:

em nossa sociedade, a morte e o sofrimento pode ser vivenciados de várias formas, como: castigo, injustiça, ou até mesmo como alívio para determinado sofrimento físico ou emocional^(3:84).

Segundo esta autora, a morte e o sofrimento envolvem, ainda, certos mistérios e o modo como são interpretados podem estar relacionados com as crenças religiosas, hábitos, estilos de vida, ou ainda experiências anteriores de cada pessoa⁽³⁾.

Em relação ao desprazer no trabalho, as verbalizações a seguir mostram que as condições de trabalho interferem na assistência ao paciente:

[...] se estou neste ambiente, fico bastante sensível e sofro com o meu trabalho [...] entro numa enfermaria ali sei que tem camas apertadas, estragadas [...] numa avaliação geral se o ambiente físico, os funcionários ou os pacientes não estão como gostaria que tivesse, isto me causa desprazer (Amarelo).

Os desgastes pelos quais passam os profissionais, nos seus ambientes e nas relações de trabalho, o tornam em alguns momentos espaços de sofrimento em virtude das más condições em que é realizado⁽¹⁾. Acreditamos que as más condições de trabalho, de uma forma geral, afetam a todos os profissionais já que não possibilitam uma melhor qualidade de exercício profissional e, certamente, prejudicam o cuidado ao paciente. Esta falta de condições se agravam gradativamente e o pouco investimento na área da saúde torna os hospitais “sucateados”, uma vez que a população não vem utilizando os serviços de saúde, como deveria, levando a superlotação dos prontos atendimentos e hospitais.

Em concordância a isto, Lunardi Filho diz que:

a negligência da instituição hospitalar, manifestada pela aparente falta de preocupação com as condições de trabalho a que estão sujeitos os trabalhadores de enfermagem, associada à desconsideração, tanto médica como da própria direção, às suas solicitações para a suspensão temporária ou mesmo apenas a redução da internação de pacientes, tendo em vista a carência de condições materiais [...] são apontadas como geradoras de grande sofrimento no trabalho [...] a falta de material inviabiliza a realização de muitas tarefas, tornando, além de angustiante, praticamente impossível à realização de um trabalho qualificado^(7:90).

Podemos perceber que os entrevistados estão insatisfeitos com suas remunerações, o que acarreta também desprazer em desenvolver as atividades, conforme podemos notar nas verbalizações:

[...] um funcionário que não recebe aumento a 7 anos não tem estímulo pelo trabalho [...] (Amarelo).

[...] monetariamente tua remuneração não é o que tu espera. Quando entrei pela Universidade ganhava cerca de 10 salários, hoje ganho a metade [...] tu vê as bioquímicas, tem piso salarial mínimo de 10 salários [...] a enfermagem precisa ter um piso salarial decente [...] têm instituições que pagam uma miséria [...] (Vermelho).

[...] quando se tem um salário adequado, não há desprazer no trabalho (Azul).

Lopes diz que existe dificuldade da enfermagem, enquanto profissão, em se afirmar concretamente no plano das conquistas salariais (piso salarial adequado, carreira, remuneração por cargo, dentre outros) talvez devido aos valores morais da profissão⁽⁹⁾. Percebemos que a enfermagem por cuidar de vidas, é vista como que para além das relações do mercado. Lunardi Filho dá base a isto quando cita que a enfermagem seria um trabalho de imensa dedicação e que a sua recompensa seria dada em outro plano⁽¹⁰⁾. O mesmo autor destaca, contudo, que os salários são baixos para o tipo de atividade e por sua responsabilidade não correspondendo ao esforço despendido pelo trabalhador⁽¹⁰⁾. Na nossa concepção os profissionais de enfermagem deveriam, através do sindicato e associações, junto com o Conselho Regional de Enfermagem (órgão fiscalizador), negociar a revisão do piso salarial, pois é inaceitável que uma profissão que tem as mais variadas responsabilidades, principalmente de cuidar de vidas, seja tão pouco valorizada.

5.3 A saúde mental do enfermeiro

A percepção de cada enfermeiro sobre sua saúde mental foi diversificada; Vermelho, Amarelo e Azul relacionaram o seu estado de saúde mental com diferentes aspectos, como podemos notar nas falas:

[...] minha saúde mental está bem, acho que é porque não sinto tanto sofrimento [...] o turno da noite é diferente, tu não tem muito relacionamento com os pacientes, somos mais tecnicista [...] os pacientes estão dormindo tu não tem muito envolvimento com o sofrimento do outro [...] também nunca passei por problemas de saúde sérios com a minha família [pai, mãe, filho, marido] [...] não misturo a minha vida pessoal com o meu trabalho [...] (Azul).

O pouco envolvimento com os pacientes e o fato da família estar bem de saúde é citado por Azul para explicar sua boa saúde mental. Pitta diz que os profissionais de saúde utilizam mecanismos de defesa no seu trabalho: um deles seria a **fragmentação**, explicada como a diminuição do tempo de contato com a atividade e a distribuição das tarefas com a equipe; outro mecanismo seria a **redução do peso da responsabilidade**, diluindo-a entre os vários profissionais⁽¹¹⁾. Acreditamos que o entrevistado utiliza estes dois mecanismos de defesa para não lidar com o sofrimento do outro e assim não se envolver com o trabalho.

Já o Vermelho acredita que sua boa saúde mental advém da satisfação com a realização de seu trabalho, como notamos na fala abaixo:

[...] acho que tu às vezes te desgasta bastante [...] fica estressado, angustiado, te sente envelhecendo, mas o prazer ainda é maior [...] muitas vezes o paciente sai vivo pela porta, por causa da enfermagem [...] o paciente, pelo médico, tem respeito; melhor [...] medo, ele obedece ao médico, mas confia na enfermagem, ele tem carinho por nós [...]

ele confia em ti [...] com o médico é submissão, por nós é confiança [...] isto me satisfaz e me fornece saúde mental (Vermelho).

Ainda acrescentamos que a saúde mental de Vermelho vem também do reconhecimento dos pacientes. Conforme Martins, quando o trabalho é reconhecido pelos usuários dos serviços de saúde, pelos membros da equipe, pela sociedade em geral e principalmente pela instituição onde trabalha, o trabalhador compreende a sua importância como cidadão e profissional de saúde, levando a uma grande satisfação⁽³⁾.

Para Amarelo a percepção de sua saúde mental está relacionada com as condições do trabalho, como é verbalizado na seguinte fala:

[...] minha saúde mental está bem perturbada, porque eu acho que o ambiente de trabalho é regular [...] falta muita coisa para o trabalhador [...] as desigualdades são muitas e estou na parcela dos trabalhadores discriminados [...] me incomodo e sofro com algumas coisas que acontece [...] aí percebo que tenho limitações, todos temos [...] tem horas que avalio tudo isso e digo: não, vou parar de pensar nisto! [...] aí volto a trabalhar, tento fazer o melhor, socializando as queixas [...] às vezes me sinto deprimido, triste, desiludida, sem esperança [...] passa um, cinco, dez anos e as coisas mudam muito pouco [...] acho que vou me aposentar e vai continuar na mesma [...] (Amarelo).

O Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem ressalta o direito do enfermeiro em participar de movimentos reivindicatórios por melhores condições de assistência, trabalho e remuneração⁽¹²⁾. Ainda dá o direito de suspender as atividades individuais ou coletivas, decisão que deve ser comunicada ao Conselho Regional, quando a instituição, para a qual trabalha, não oferece condições mínimas para o exercício profissional. Isso pode

ocorrer exceto em situações de urgência e emergência⁽¹²⁾.

Os entrevistados relataram, ainda, algumas soluções para melhorar sua saúde mental, como vemos na seguinte fala:

[...] procuro fazer outras coisas, me divertir, até fazer festas dentro do hospital, ontem mesmo teve um churrasco à noite, assim tu acaba arrumando uma válvula de escape [...] (Vermelho).

Entendemos esta fala como uma tentativa de desligamento dos problemas no trabalho. Entretanto, esses possivelmente sejam sinais de amadurecimento profissional e emocional, quando o indivíduo se conscientiza que, além do trabalho, existe um outro mundo lá fora que merece ser olhado com mais atenção e vivido com maior entusiasmo⁽¹³⁾.

Os entrevistados realizam atividades de lazer a fim de diminuir a carga de trabalho, o que parece ajudá-los a conviver com as tensões diárias, como podemos notar nas falas:

[...] saio [...] ouço música [...] saio e me divirto ou fico sozinho [...] (Vermelho).

Acho que devo trabalhar menos e ter mais lazer (Amarelo).

O lazer, certamente, gera saúde mental, mas este, às vezes, é barrado na falta de tempo. Para Pitta⁽¹¹⁾ o regime de plantões abre a possibilidade de ter outros empregos, acreditamos que isto diminui as horas para o lazer.

6 CONSIDERAÇÕES

Neste estudo, podemos perceber os fatores que causam prazer, desprazer e sofrimento no trabalho do enfermeiro e, a partir destes, entender como está a saúde mental deste trabalhador. Em se tratando de sofrimento no trabalho, fatores assinalados pelos entrevistados que dizem respeito às condições de trabalho e ao tipo de trabalho desenvolvido pelo

enfermeiro sugerem a necessidade de que as escolas de enfermagem trabalhem mais intensamente estes temas, pois é preciso humanizar o cuidado, atentando, também, para o estado emocional do futuro profissional.

Ressaltamos, por fim, a relevância deste estudo como alerta às administrações dos hospitais – a qualidade de assistência está diretamente ligada à saúde de seus empregados – e como alerta, também, aos profissionais de enfermagem, para que repensem as suas maneiras de lidar com as dificuldades impostas pela profissão uma vez que acreditamos que a enfermagem pode ser também fonte de prazer, portanto fonte de realização profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

- 1 Viera LC, Guimarães LAM, Martins DA. O estresse ocupacional em enfermeiros. *In*: Guimarães LAM, Grubitis S, organizadores. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000. 225 p. p. 169-86. (Série saúde mental e trabalho).
- 2 Silva ES. Saúde mental e trabalho. *In*: Tunidis AS, Costa NR. Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes; 1987. 288 p. p. 217-83.
- 3 Martins JJ. O cotidiano do trabalho da enfermagem em UTI: prazer ou sofrimento [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2000. 190 f.
- 4 Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5ª ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO; 1998. 269 p.
- 5 Cervo AL, Bervian PA. Metodologia científica. 4ª ed. São Paulo: Makron; 1996. 209 p.
- 6 Gomes R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: Minayo MCS, organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 9ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1998. 80 p. p. 67-80.
- 7 Lunardi Filho WD. Prazer e sofrimento no trabalho: contribuições à organização do processo de

- trabalho de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 1997 jan/mar;50(1): 77-92.
- 8 Figueiredo NMA, Machado WCA, Porto IS, Ferreira MA. A dama de branco: transcendendo para a vida e morte através do toque. *In*: Meyer DE, Waldow VR, Lopes MJ. Marcas da diversidade: saberes e fazeres da enfermagem contemporânea. Porto Alegre (RS): ARTMED; 1998. 241 p. p. 150-67.
- 9 Lopes MJM. Imagem e singularidade: reinventando o saber de enfermagem. *In*: Meyer DE, Waldow VR, Lopes MJ. Marcas da diversidade: saberes e fazeres da enfermagem contemporânea. Porto Alegre (RS): ARTMED; 1998. 241 p. p. 43-52.
- 10 Lunardi Filho WD. O mito da subalternidade do trabalho do enfermeiro à medicina. Pelotas (RS): Ed. Universitária/UFPel; 2000. 206 p.
- 11 Pitta AMF. Hospital: dor e morte como ofício. 4^a ed. São Paulo: HUCITEC; 1999. 198 p.
- 12 Conselho Regional de Enfermagem (RS). Legislação: código de ética dos profissionais de enfermagem. Porto Alegre (RS); 2000. 48 p.
- 13 Furlan MP. A equipe de enfermagem convivendo com o estresse de uma unidade de terapia intensiva [monografia de Graduação em Enfermagem]. Pelotas (RS): Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, Universidade Federal de Pelotas; 1999. 37 f.

Endereço da autora/Author's address:

Valéria Cristina Christello Coimbra
Av. do Café, 1139 Bl. A Ap.401
Bairro: Vila Amélia
14.050-230, Ribeirão Preto, SP.
E-mail: valeriacoimbra@hotmail.com

Recebido em: 18/05/2003

Aprovado em: 09/03/2005
